

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal
STA. CATHARINA—Desterro, 9 de Julho de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 12

CREPUSCULO

Desterro, 9 de Julho

Instrucção popular

VII

Não é tão facil, como muitas vezes imaginamos, escrever para o publico.

Verdade é que o pensamento quando explica as boas intenções do individuo póde apresentar-se sem as mais ricas roupagens, assim como não desagrada ao illustre parisiense a presença simples e rustica de um camponez.

Por isso mesmo que o pensamento requer toda aquiescencia e sympathia natural e legitima, devendo revelar toda a grandeza e beffeza da alma que o concebe, torna-se mais difficil a sua expressão, porquanto a maior parte dos homens pensa ser brilhantismo de elocução a palavra escolhida, sem nexo, sem luz, sem vida.

O que evoluciona, o que alevanta o individuo até a grande conquista das intelligencias é, unicamente, a justeza da expressão do pensamento, sem o masculino defeito da lisonja.

Que nos importa que um escriptor proclame com repetidos gritos — que ninguém excede o esplendor de uma tal intelligencia, se o valor do objecto elogiado não attinge á altura de um merito real?

Será por ventura a posteridade o templo da lisonja, vil e baixo vicio dos reprobos da litteratura? Não, certamente. A posteridade não se fabrica da massa dos atordoadores de idéas communs, nem tão pouco endeosa quem, não visando unicamente o valor da phrase, só se occupa com a cauda do cometa que vae buscar a luz em outro hemispherio.

Não é vibrando a espada com uma escolta immensa que o protege, que o guerreiro marcará um limite ao denodo, levado até a altura da admiração e do espanto: só o isolamento póde dar-lhe os esplendores de uma gloria invejavel.

A posteridade é o templo dos caracteres invenciveis, dos grandes pensa-

mentos que evolucionam as consciencias populares.

Muito saber não é bater palmas ao sol que se levanta, admirando-lhe a luz e o calor, é sentil-o profundamente, produzindo novos sóes, novos raios, nova luz.

Ha intelligencias que se agradam em vêr a lua como um templo de prata construido nos céos, porém não lhes passa pela imaginação que aquelle astro é apenas uma lucida memoria, e que apparecendo o sol, tudo o mais se desfaz.

Assim nos tempos de Roma, emquanto o tenro filho de Arpino não se ostentára aos olhos de um povo ávido de novos espectaculos, com seu manto de luz, coroando-lhe a fronte magestosa—muitos oradores prendiam a atenção de alguns de seus concidadãos, parecendo-lhes por momentos que acima de uma tal eloquencia nenhuma outra se collocaria.

Trouxe porém a historia a memoria de todos, lavrou o tempo as suas apotheeses, e ninguém hoje ignora o logar que occupa o autor das Catilnarias, e outros monumentos da litteratura romana.

Cicero não acompanhou o dizer fraco e superficial da maior parte dos seus contemporaneos, elevando-se a uma philosophia que substanciava o vigor masculino da virtude com uma coragem e denodo invenciveis. Pouco fallou de si, e quando a isso éra obrigado pela grandeza e difficuldades da causa que defendia, era sempre com o sequito de glorias que lhe allumiavam na estrada fecunda da eloquencia.

Era um genio, uma aguia, foi um seculo.

Não são todos assim predestinados, como entre os astros uns allumiam mais que outros, não deixando, no entretanto, de influir todos na marcha interminavel da luz sublime que decora a cúpula dos céos.

O rei dos astros é a verdade, só ella encanta com a luz que fascina e obumbra a nossa intelligencia: seus raios são o reflexo do que ha mais occulto dentro da esphera sem limites, aonde

só se póde chegar passando pelo tumulo.

A verdade tem um encanto irresistivel, ella se mostra mesmo independente da nossa vontade.

Por mais entaves que lhe queiram oppôr os tyrannos, por mais subtilezas dos falsos philosophos, ella sempre será radiante, qual pharol acceso no cume de alta montanha.

Que tempestade póde até hoje ao menos abalar aquelle grande signal da Christandade, cujos largos braços se estendem desde um polo a outro, sempre com a mesma vida do momento solemne, em que lhes foi dado o sangue de um heroe, cuja grandeza excedia a todas as grandezas.

Os céos nunca viram espectaculo mais assombroso e admiravel: a justiça, a candura e o amor cobertos de sangue.

Depois desse acontecimento que eclipsoou tudo que a Grecia e Roma creára; que por assim dizer, unira o céu com a terra, nivelando todas as intelligencias, com a unica distincção das qualidades moraes e intellectuaes—começou o mundo a sentir aquella maxima influencia pela luta ingente, que tantos heroes tem arrancado ás classes mais infimas da sociedade.

Desta época em diante começou o pensamento a gozar dos seus fóros de liberdade, e novos horisontes abrindo-se ao espirito mal desperto ainda da ensombrada humanidade, já prognosticavão que de rasto todos os embustes, acabava a tyrannia.

Perém mal do brio dos povos; a sua consciencia tem sido mais de uma vez illudida...

Lgrimas de sangue arranca-se ao denodo popular, e... pallida vergonhea, os seus directores dão por mais barato envergar as fardas douradas.

Que calamidade!

Nem valeu a pena ter-se derramado sangue precioso.

A humanidade caminha. Ha desoito seculos que ella experimentou a maior das transformações sociaes, vio a luz, encarnou-a, sentio a como se sente os raios ardentes do sol.

O embuste porém vestio-se de purpura, perolas na fronte, passo mal se-

guro, olhar desvairado, como descido de alguma altura sem limites, e... mais ligeiro que o raio segredando o coração dos povos, lançou-lhes veneno.

A hydra da impiedade começou de novo: só o cutello firme da sabedoria poderá vencel-a.

Aonde buscal-a? Aonde obtel-a que não desmint a o impulso da honra e da dignidade?

Nas escolas do Estado? na rotina de uma obediencia passiva?

Não, certamente.

Assumptos locais

Olhamos com interesse e desvanecimento o plano de actividade em que anda a administração publica, no que refere a melhoramentos locais de realisação urgente.

Ainda hontem, e apóz um longo tracto de descuidos e de protellações, o governo do senhor Francisco José da Rocha iniciava a importante e utilissima obra que transformou em uma área de feição bonita e agradável, o extenso paúl que estendia-se ao curso da rua do Menino Deos.

Era d'ali, d'esse fóco de podridões, d'esse monturo a escarnecer de todos os preceitos que fazem lei nas populações respeitadas, que procediam, em maior quota, as causas da insalubridade que pateou-se, n'esta cidade, sempre em uma progressão tristemente admiravel, durante todo esse par de annos em que as febres de mão caracter engrossaram o nosso obituario.

O encanamento de alguns corregos que cortavam a cidade n'um exalar permanente, por assim dizer, de miasmas perigosos e fataes, é de aceitar-se, tambem, como um emprehendimento de valor sério e reconhecido.

Os resultados d'esse emprehendimento já reflectem-se, auspiciosamente, nas condições de saude publica em que nos achamos, e accentuam, d'este modo, o previsto, em luminosas sentenças, pela auctoridade sanitaria respectiva, affecta, então, a um clinico, a um profissional illustrado e distincto, que muito interessadamente tem procurado firmar um padrão novo e melhor, de hygiene, n'esta capital.

O aterramento da praia immunda que estava adjacente ao edificio da capitania do porto, e a infeccionar todo um local em que ha sempre accumulo de gente, em grande parte da classe menos favorecida das graças, e, bem assim, o prolongar do cães que veio dar livre transito ao fundo da rua do commendador João Pinto, são uma empreza que o censo commum manda applaudir como muitissimo salutar e de interesse essencialmente publico.

E, agora, o reparo porque está passando a rua do Senado mostra que a actual corporação municipal, por certo que a mais fecunda na promoção de melhoramentos praticos, a safientar-se entre as suas antecessoras, reconheceu afinal, que na carencia de recursos para emprego do parallelepipedo nas ruas da cidade, é mais consentaneo com a vontade publica lançar mão de barro e arêa, sejam maçadamisados, ou não, do que conservar esse

calçamento velho, arruinado e incongruente que supportamos ainda.

Tudo isto mostra, ao envez do que relatam as administrações estereis e esbanjadoras, que quando os delegados do povo querem enxergar a responsabilidade que assumem, tacitamente, o cofre publico abre margem aos melhoramentos urgentes e de importancia relativa.

E effectivamente, não duvidaremos de louvar muito a administração publica, si ella não ladear, escorregando do plano de actividade em que temos o prazer de olhal-a, actualmente.

Thales.

A tempestade

Retumbou o primeiro trovão, eu ergui os olhos ao céu: era medonho o occaso onde tantas vezes contemplara o sol ponente a afundar-se em regaços d'ouro! Ali onde os meus olhos s'enlevarão nos cambiantes matizes do iris, sobre o azul diaphano agora estende-se o tempestuoso véo da tormenta! Em balde procuro o brilho frouxo e saudoso dos ultimos raios do sol, só fulgurantes listões de fogo se vão immergir no abysmo! O verde proceloso do céu lá se reproduz no mar que se agita arrufando-se em prateados flócos de espuma. Foge, impellido pelo vento, alvo bando de pequenas nuvens, que, destacando-se do verde-escuro fundo, simelha pavidia turba de brancas aves marinhas acoissadas pelo temporal.

Repetem-se os trovões, e pouco a pouco torna-se plumbeco todo o céu. Desce o sudario da tormenta sobre os montes e collinas; já roça o encapellado mar, e parece avançar despreendido do infinito!...

Rapidamente tudo envolve e tudo açoit a chuva rebatida pelas rajadas. Desfolham-se os arbustos mimosos, dispersam-se em douda revoada as melindrosas pétalas da flôr, não modulam as aves os seus doces cantos, não gemem de amôr as rolas suspirosas, nem a saudade meiga e terna veio aninhar-se-me no coração, porque o frio véo da tempestade empannou a doce transição do Crepusculo!...

DELMINDA SILVEIRA.

Desterro.

No campo

Lá vem o sol se mostrando
Por traz da verde collina,
E o gaúcho á campina
Vae a boiada tocando.

Monta um soberbo alazão,
Calça botas com chilenas
E entôa mil cantilenas
Lembrando o seu chimarrão...

Eil-o de volta á casinha.—
Agora lesto e ligeiro
Corre abraçar a filhinha.

Chega-se junto ao brazeiro,
Vira o surrasco, e a Bellinha
Vae buscar agua ao ribeiro.

Desterro.

S. B.

Contos originaes

II

Ah! minha pobre Alzira, a guardiã eterna, onde em breve deverei descansar sob o somno infindo e frio, tão cedo do rouba-te estas crystalinas lagrimas não é assim?

Choras perante o horror da morte que n'este instante preoccupa teu coração juvenil, trazendo-te saudosas recordações! Choras porque contemplas n'esta solidão immensa, uma funebre relação com os dias taciturnos e melancolicos de teu avô, pen entes de beira de um tumulo!

Coragem, minha pobre Alzira, vamos... aproxima-te bem de mim, enxuga as tuas lagrimas; vês quantas quantas cruces mal se destacam umas das outras?...

Pois é ali, minha querida Alzira, onde, mirrhado pelos vendavaes da fatalidade, do orgulho que radiante ostenta as suas esperançosas galas, despre o povo as illusões banaes: E' ali onde a riqueza que se ergue hypocrita em doiradas phantasias, pervertida no desprezo que insulta a caridade, ali arrojada ao manto potencial da morte prostrada pelo desabar medonho da felicidade ephemera, contaminada de asquerosos vermes, no regelado chão, esvae-se n'um atomo que os ventos levam: ali desmorona ella sumptuosos castellos povoados de risonhas venturas que tantas vezes na opulencia, banidas da vaidade louca aos vinculos da soberba, cega ás miserias alheias, em seus humbraes embutidos de doiradas galas, revestio de ludibrios amendoigo que, trapilho, lamentando a mesquinhez da sorte, ultrajado e entregue ao desamparo cruel, em vão chorava um obulo de caridade!

Sim, é sempre ali, minha querida Alzira, bem junto ao rico, ao avarento e ao nobre, na mesma cama fria, onde o pobre desprezado que mendiga esmolas, sem mais chorar de fome, extingue a superioridade ephemera, na igualdade singular e eterna!

Sim, choras minha querida Alzira, porque é, e será eternamente ali n'aquelle trilho final da vida, n'aquelle esboçal da humanidade, onde em breve, bem unido aos nossos, devereá dormir minha materia inerte, e a alma grata, voando ás regiões veladas do olhar Supremo, ver-te-ha constante e melancolica com estas lagrimas puras,

transparentes de virtude, regar as saudades e os lyrios que plantares em meu frio leito...

Assim, tremulo, com a voz abafada pelos suspiros, já estenuado, descrevia Simeão a sua lenda prophetica, na hora em que a tarde morrendo via as agouzeiras aves, fugitivas entre os cyprétes, entoarem um cantico monotonico que fazia Alzira cheia de payor esvahir-se em pranto!

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro.

(Continúa)

A flôr roubada do sepulchro d'ella

AO POETA CARLOS DE FARIA

Fiz do meu peito, do meu peito triste a urna santa immaculada e bella, para guardar como reliquia eterna a flôr roubada do sepulchro della.

Ha uma hora no correr do dia em que meu pranto sen amor revela, quando minh'alma de joelhos beija a flôr roubada do sepulchro d'ella.

Nas noites tristes de martyrios e dôres, quando o presente meu passado véla... quem me dá vida, que me anima a crença? — a flôr roubada do sepulchro d'ella.

Quando entre galas em silencio fito os olhos lindos de qualquer donzella, tenho lembranças d'esse mimo santo, a flôr roubada do sepulchro d'ella.

Não passa um dia em que não vá curvar-me qual penitente junto a cruz singela, orar chorando e conchegar ao peito a flôr roubada do sepulchro d'ella.

Vinha florindo o laranjal dos noivos quando eu traçava o teu amôr na têla, mas Deus trocou-me pela imagem d'ella a flôr roubada do sepulchro d'ella.

Hoje ditoso, bem feliz me julgo por ser herdeiro d'essa flôr tão bella; é minha vida, meu amôr, meu tudo a flôr roubada do sepulchro d'ella.

Oh! tu, poeta, que cantaste outr'ora as virgens flôres d'infantil capella, desperta a lyra, vem cantar commigo a flôr roubada do sepulchro d'ella.

Sei que este canto, sem o ardor da arte, vai commover-to qual feroz procêlla, te relebrando um coração de auroras
A flôr roubada do sepulchro d'ella.

Porém, poeta, n'esta noite escura fita essa luz que o teu amor constella: é sua imagem transformada em pet'las a flôr roubada do sepulchro d'ella!

TIMOTHEO MAIA.

Desterro—86.

(Dos Cantos Matinaes)

Salve, Brazil!

Foi finalmente banido do seio de minha Patria a negra—escravidão,—este borrão ignominioso que nos rebaixava ante as nações cultas.

Já são finalmente, despedaçadas as algemas que opprimiam um povo, nosso irmão; já não se escutará nas immundas senzallas o estalar do chicote, jámais se escutará os gemidos de milhares de infelizes que ao nascer virão a bonançosa luz da liberdade, mas, que depois leis barbaras quão tristonhas os algemarão e os lançarão para sempre n'este atroz captiveiro. Quando se pe sava que era impossivel vencer-se de todo as enormes barreiras que no Brazil apresentava a escravidão, eis que levanta uma voz generosa, que arrancando de seu potente peito um grito, que se unio ao do Ypiranga; este grito repercutio em todo o Brazil, desde as mais populosas cidades até a mais diminuta villa, fazendo com que o negro manto que occultava esta deusa—a Liberdade, se rasgasse e confundisse no abysmo do passado.

Orgulho-me por tanto de ser brasileiro e espero, apoz tantas glorias, o dia em que o sol dardejando no espaço mostre-nos a dacta em que o Brazil benza-se nas aguas da completa Liberdade.

Avante pois, minha Patria!

FRANCOLINO OLYMPIO CAMEU.

Montevideó, 14 de Maio de 1888.

A felicidade

(A ARTHUR DE MELLO)

Por si mesma, esta palavra mostra tanta suavidade como o som sonoro de uma surdina de harpas.

Quando se dispensa amizade, essa flôr odorifera que nasce do intimo d'alma a uma qualquer pessoa,—vel-a feliz, satisfeita, gozando com prazer as magnificencias dessa nossa vida, é toda a ambição que devemos ter.

Infelizmente, o mundo, aonde Deus, que é poderosissimo, collocou o homem para vê-lo viver, é composto de variedade de destinos.

Cada qual possui d'elles um confortavel bem.

Uns são riquissimos, fidalgos, heroicos e nobres; outros, porém, para os quaes o destino ainda não fitou, são pauperrimos, ignorantes ou doudos.

Oh! quem é que não sente na vida, ao menos um só minuto, dentro do peito uma ambição de ser feliz?

Haverá prazer que mais se apodere dos nossos corações, do que seja essa gloriosa benevolencia do destino—a felicidade?

SABBAS COSTA.

Desterro, 4—Junho—88.

Logogripho

(Por lettras)

AOS MESTRES

Eu sou rei e sou vassallo.
Sou fidalgo e sou plebeu.
Sou valente e sou medroso.
Sou magistrado e sou réo.—3, 4, 1, 6, 5

Posso ser alto ou ser baixo,
Acanhado ou valentão,
Gordo, magro, feio, bello,
Muito rico ou pobretão —7, 3, 4, 1, 6

Tudo sendo, passo a vida
Menos mal, assim, assim,
Té que a morte me conduza
A tocar da vida o fim.—1, 6, 7, 2

Fui propheta em ontras eras,
E fiz cousas de pasmar;
Hoje ainda sou fallado
Por quem gosta de me honrar.

K. P. LINHO

NOTICIARIO

O NOSSO ORGAM

A' proporção que vamos atirando para atraz as barreiras que algures temos encontrado no nosso caminhar, n'esta arena de luz universal, vão-se para nós pouco a pouco abrindo as portas estrelladissimas do tabernaculo da civilização, do direito e do progresso.

A luta foi consagrada ao homem como os ninhos rutilantes e macios ás aves.

Vemos que a tarefa não é tão espinhosa como nos parecia quando encetámos a publicação d'este jornal, que, sem duvida, estamos bem certos, tem seguido em linha recta, respeitando as individualidades e carecendo a ajuda d'aquelles que comprehendem o que é um jornal e a utilidade que póde este trazer para o adiantamento das classes sociaes.

Todavia não poderíamos chegar ao ponto em que hoje nos achamos se não nos esforçássemos, trabalhando sempre a bem da sociedade, que realmente precisa ainda de muita educação moral para então tornar-se nobre, sincera e respeitável.

Não temos, nem tão pouco tal ideia passou-nos pela imaginação, pretensões de offender a qualquer individuo, desde o momento em que este seja digno de conceito e prese-se perante a sociedade, como muita gente que, ou por querer dar-nos pouco merito ou então por distincção individual, que para nós serve de riso, que desprezamos, pensa, julga, adquirindo meios para com a alavanca horrenda da inveja cavar sob o pedestal da pequena altura moral em que nos achamos e deitar-nos no caminho da morte. Mas esse ou esses individuos que assim pensam estão redondamente enganados, porque não possuem mando algum sobre as pessoas que nos têm dispensado as suas honrosas affabilidades, tanto mais que actualmente a lei de 13 de Maio, felizmente, nivelou os direitos de todos os homens neste nosso estremecido Brazil.

Ha certas occasiões em que se deve ter um pouco de energia para com entes que praticam de fórma aliás dignas de censura.

As nossas pretensões são, antes, de grande alcance moral, posto que não tenhamos meios sufficientes para demonstral-as, o que sentimos devéras.

Temos em vista trabalhar, para o futuro, a bem do litterato, do negociante, do lavrador, do industrial, do artista, de todos finalmente que precisam de possibilidades para marcharem sem descrença e sem desanimo.

Essa, sim, é a nossa vontade, que infelizmente não podemos attendel-a, sem que tenhamos um numero regular de bons assignantes.

A' vista, pois, do que fica exposto, crêmos provar aos leitores que não possuímos vontade alguma de indagar da vida privada de quem quer que seja. Temos por fim trabalhar, como trabalhou o grande guerreiro Hamilcar para livrar a sua patria, por uma grande victoria, combater pela justiça, pelo direito, pela razão e por todas as classes opprimidas.

Eis o programma que adoptámos desde os nossos primeiros passos na vida jornalística.

Quem ideiar um momento o valor que tem uma agradável leitura deverá, certamente, notar que a que possuímos é de uns quantos collaboradores honestos e criteriosos, que, quer pela affabilidade constante que possuem, quer pelos seus excellentes predicados, provam que dão merito ao progresso, ás lettras e á instrucção do povo.

Continuaremos a proseguir, levando ao nosso lado direito todas as utilida-

des que temos sob nossos olhos, caso sempre tenhamos a benevolencia dos nossos dignos assignantes, que até o presente nos tem sido muito honrosa.

PARABENS

Mais um anno marca hoje o tempo na vida do distincto e conceituado negociante Sr. João Saldanha Gondim, moço de bons predicados e bastante amavel.

Cordialmente saudando ao distincto moço, lhe desejamos longa existencia, mas risonha e satisfeita, venturosa e feliz.

Deve por esses dias abrir a sua nova casa de negocio, que pertenceu á finada franceza M^{me} Lamartinière, o Sr Innocencio Campinas, um dos negociantes mais respeitaveis da nossa capital.

Os nossos parabens ao nobre negociante pela abertura da sua nova casa, e que n'ella seja alvo de muitas felicidades, são estes os nossos mais sinceros votos.

A poesia que abaixo publicamos é de um joven typographo do «Correio Mercantil» de Pelotas:

A VIDA

A HORACIO NUNES

A vida é qual pyrilampo em noite escura,
E' um sonho bem fraco e passageiro,
A desgraça que ás vezes nos tortura
Não nos deixa viver bem prasenteiro!

A vida é muito bella e prazenteira
Na infancia gentil de tantas flôres!
Depois sempre nos leva sorrateira!
A soffrer, a soffrer cruentas dôres!

A vida é qual a nuvem forasteira
Que nós vemos no céu desde creança,
Ella passa no mundo tão ligeira!
Sem mostrar um momento de bonança!

—Oh! se Deus nos lançasse neste mundo
Para sempre tranquillo e sem receios,
E nos dêsse um pensar não moribundo...
Não seria p'ra vida galanteios?!

JOSÉ A. ALVES LISBOA.

Rio Grande do Sul—Pelotas.

BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido e agradecemos:

A «Revista Popular», que, como sempre, traz uma leitura amena e digna das mais soberbas sympathias.

E' proprietario-redactor o Sr. Francisco Cardona, a quem cumprimenta-

mos pelos bem elaborados artigos que temos tido a satisfação de lêr.

No numero 18 da «Revista», dedicado ao glorioso e immortal dia 13 de Maio, deparámos com uma esplendorosa poesia da notavel poetisa riograndense a Exma. Sra. D. Candida Fortes.

Está uma poesia de folego amplo e cheia de primor.

— «A Phenix», da Estação do Commercio, jornal imparcial, litterario, noticioso e recreativo, de publicação quinzenal.

A illustre «Phenix» traz artigos excellentes, que agradam o leitor n'uma magnifica hora de ocio.

E' seu redactor e proprietario o Sr. Victor de Moraes e é collaborada por diversos.

O valente campeão habita na immensa e luminosissima orbita do jornalismo brasileiro, ha tres annos.

— Com regularidade temos gloriosamente recebido o conhedidissimo jornal a «Gazeta de Campinas», da qual redactor e proprietario o illustrado poeta brasileiro Carlos Ferreira.

A «Gazeta» é, como sempre, digna de leitura.

— A «Revista Typographica», de côrte, que continúa ainda a nos honrar com a sua visita.

Sinceramente diremos que a «Revista» é um organo de luz e conceituado.

— «Palavra», organo litterario que ha dias encetou a sua publicação nesta capital.

O bem elaborado organo tem como suas collaboradoras as Exmas. Sras. DD. Delminda Silveira de Souza e Ibrantina de Oliveira, duas poetisas de merito.

Saudando ao novo collega, desejamos-lhe uma vida cheia de risos e coroadada com a resplandesciente corôa da felicidade.

ERRATA

Na 2^a linha do artigo sobre Instrucção Popular do nosso numero antecedente, onde se lê «sua boa consciencia», lêa-se: uma boa consciencia.

No proximo numero publicaremos, do talentoso poeta Carlos de Faria, moço que, pelos seus estudos, tem adquirido excellentes predicados, uma poesia, em vigorosos versos alexandrinos, sob a epigraphe —Apotheose— (Versos á Princeza).

E' poesia de longo folego e cheia de muito primor.

E' escripta a proposito do dia 13 de Maio de 1888.